

Atlas do Chão: aterrarr, mapear, conectar

David Sperling¹, Ana Luiza Nobre²

¹ Universidade de São Paulo, São Carlos, Brasil
sperling@sc.usp.br

² Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
analuizanobre@uol.com.br

Abstract. The article presents and discusses the Atlas do Chão / Ground Atlas Project (atlasdochao.org / groundatlas.org), oriented to mapping and making critically visible processes of urbanization, territorialization and deterritorialization that remain inscribed in the ground today, in different historical-cultural and geopolitical contexts. Conceived as a digital site, Ground Atlas has as its primary references the Mnemosyne Atlas of Aby Warburg and countercartographic practices, in the sense of producing other epistemologies about life on the planet. Its main elements are geolocated critical points and constellations that articulate nexus of meanings between these points. When grounding points and setting up constellations, invisibilities of colonial expropriation processes, practices of care for the ground and experimentation with multispecies cohabitation are considered. As an always partial result, the Atlas is thus a work in progress, open to critical reflections and propositions on the horizons of life from and by the ground.

Keywords: Mapping, Atlas, Ground, Critical cartography and historiography, Decoloniality.

1 Introdução, aterrando no Atlas

Diante dos colapsos de paradigmas e pontos de apoio que a conjuntura atual apresenta, fica clara a demanda urgente pela reorientação das visadas epistemológicas e práticas cotidianas, pela ampliação das capacidades sensíveis, pelo desconfinamento da imaginação visual, projetual, urbana, política e planetária.

Neste contexto, como já se perguntou Bruno Latour (2020), *onde aterrarr?* Uma reorientação de tal envergadura pressupõe inventar formas alternativas de fazer, que proponham uma ciência e uma política de aterrissagem no planeta (Latour & Weibel, 2020).

A partir do Sul Global, e mais especificamente da América Latina e do Brasil, posicionar-se neste contexto significa compreender criticamente que nele estão imbricados não só uma condição histórica, mas um sistema estrutural atuante no presente, marcado pelo colonialismo e pela expropriação de seres humanos e não humanos.

Entendemos que o desafio passa, dentre outras abordagens, por contar histórias e desenhar cartografias alternativas que desbloqueiem imaginários e tornem visíveis formas alternativas de habitar o planeta e possam contribuir para a construção de outras formas de ver, pensar e agir.

Nesse sentido, o artigo apresenta e discute o projeto *Atlas do Chão*, dedicado a mapear e tornar visível criticamente processos de urbanização, territorialização e desterritorialização que permanecem inscritos no chão hoje, em diferentes contextos histórico-culturais e geopolíticos.

1.1 **Atlas como princípio de ver e conhecer**

O projeto assenta-se sobre um conjunto de referências, dentre as quais se destacam a escrita constelar de Walter Benjamin (2007) e o *Atlas Mnemosyne* de Warburg (2010), segundo a abordagem proposta por Didi-Huberman (2010) para essa *máquina de leitura* que abre espaço para o *pensamento por imagens* e para a *imaginação poética*.

Focaremos brevemente no princípio do atlas warburgiano. Entre 1924 e 1929, o historiador da arte alemão Aby Warburg dedicou-se integralmente à sua obra de maior envergadura, o *Atlas Mnemosyne*. De um total de 79 painéis e mais de 2000 reproduções de imagens que eram por ele constantemente rearranjadas, a última série do atlas antes da morte de seu autor continha 63 painéis de 170 por 140 centímetros e 971 reproduções neles afixadas (Warburg, 2010, p. vi).

Com o objetivo de investigar a permanência dos temas da Antiguidade em obras do Renascimento até o século XX, não no sentido de esclarecê-la, como menciona Didi-Huberman, *mas sim em torná-la mais complexa, senão obscurecê-la, sobrepondo-lhe - ou, diria eu, 'sub-impondo-a' - uma cartografia laminada da memória, uma geologia complexa de sobrevivências*. (Didi-Huberman, 2010, p. 172). Seguindo com o autor:

*Warburg enuncia em seu Atlas uma complexidade fundamental – de ordem antropológica. Não se tratava de buscar nem uma síntese (em um conceito unificador), nem de descrever exaustivamente (em um arquivo integral), nem de clarificar de A a Z (em um dicionário). Mas de fazer surgir, através do encontro de três imagens dissemelhantes, algumas relações 'íntimas e secretas', algumas 'correspondências' capazes de oferecer um conhecimento transversal dessa inesgotável complexidade histórica (a árvore genealógica), geográfica (o mapa) e imaginária (os animais do zodíaco). (...) o *Atlas Mnemosyne* constitui uma parte importante de nossa herança – herança estética uma vez que ele inventa uma forma, uma nova maneira de dispor as imagens entre elas; herança epistêmica uma vez que inaugura um novo gênero*

de saber - e continua marcando profundamente nossas formas contemporâneas de produzir, exibir e compreender imagens (...) (Didi-Huberman, 2010, p. 19, grifos do autor, tradução nossa)

É inerente à apostila de Warburg, portanto, uma fragilidade própria da possibilidade da emergência de relações *íntimas e secretas* que podem surgir da associação entre imagens. Nesse sentido, seu processo é aberto e heurístico, distinto dos processos que regem as sínteses unificadoras, as descrições exaustivas dos arquivos ou as clarificações ordenadas dos dicionários delimitadas por um sentido de totalidade de seus projetos. Um atlas concebido como *um ensaio, no sentido trivial da palavra - ensaiamos se isso funciona ou falha, se isso revela ou obscurece nosso olhar, e em todo caso tentemos novamente*. (Didi-Huberman, 2010, p. 181, tradução nossa)

As três palavras grifadas por Didi-Huberman no trecho acima - complexidade, encontro, transversal - são fundamentais para que se compreenda a dinâmica própria da ação de montagem e certos princípios que vão sendo revelados pela crescente intimidade entre quem produz e lê o atlas, as imagens e a mesa sobre a qual estas imagens se dispõem a novas configurações.

Warburg apresenta no painel A do Atlas Mnemosyne uma espécie de mapa que não é nem sintético, nem exaustivo ou clarificador, mas indicativo de seu empreendimento. Nesse painel, ele dispôs três imagens que apresentam *distintos sistemas de relações em que o homem pode estar imerso: cósmico, terrestre, genealógico* (Warburg, 2010, p. 8). São elas uma representação do céu com as constelações do zodíaco, que evoca o universo do imaginário; um mapa de rotas de comércio entre a Europa e o Oriente Médio, com o qual incorpora uma dimensão terrestre de intercâmbio, própria da geografia; e o desenho da árvore genealógica da família de banqueiros florentinos Médici, que simboliza as relações que se dão no tempo, próprias da história.



Figura 1. Atlas Mnemosyne, Painéis 79, 45 e 46, Aby Warburg, 1924-1929. Fonte: <https://revistanu.net/aby-warburg-atlas-mnemosyne>.



Figura 2. Atlas Mnemosyne, Painel A, Aby Warburg, 1924-1929. Fonte: Warburg, 2010.

Com esses distintos sistemas de relações, Warburg busca apresentar a complexidade inerente à história, à geografia e ao imaginário. Mas um outro sistema de relações passa ainda a atuar, não apenas internamente às imagens, mas pelo encontro entre elas, no espaço entre e nas associações que delas emergem, configurando uma transversalidade entre dessemelhantes. Neste jogo reside uma complexidade antropológica que compõe, como diz Didi-Huberman, uma herança ao mesmo tempo estética e epistemológica, *forma visual de conhecimento ou forma sábia de ver*. (Didi-Huberman, 2010, p. 15, tradução nossa)

1.2 Contracartografia como princípio de mapeamento

Enquanto prática contracartográfica, o projeto Atlas do Chão se conecta com um conjunto de proposições de revisão ontológica e de ampliação das formas de mapear que vêm sendo germinadas desde o Sul nas últimas décadas (Halder et al, 2022).

Do ponto de vista da perspectiva cartográfica, pode-se dizer que o Atlas do Chão é debitário da desestabilização da tradição cartográfica para a qual a história social da cartografia e a desconstrução dos mapas proposta por Brian Harley (2005) ofereceu uma contribuição decisiva, em seu questionamento da suposta neutralidade e imparcialidade desses dispositivos. Ou seja, segundo a perspectiva de estudo dos mapas como uma forma de linguagem que pertence à categoria de imagens – e mais especificamente, de imagens socialmente construídas. E que, portanto, nunca são isentas de juízo de valor,

nem, por si só, verdadeiras ou falsas. Imagens a serem lidas como textos, sempre abertos a diferentes possibilidades interpretativas.

Enquanto na arquitetura e urbanismo as cartografias mostram-se ainda majoritariamente lastreadas na geografia física, por meio do uso de sistemas GIS, os mapeamentos não convencionais vêm provocando importantes rebatimentos em diferentes campos disciplinares. Ao serem revistos os modos de se pensar e fazer mapas, um espaço relevante e de significativa potência passa a ser configurado.

Diante desse contexto, o Atlas do Chão se vincula a deslocamentos de duas ordens. Um deles é o da crítica ontológica às posturas científicas segundo as quais os mapas são assumidos como dispositivos objetivos, espelhos do real. Isso significa colocar as formas de fazer e os conteúdos dos mapas em disputa, desvelando relações de poder, ideologias e determinações históricas, problematizando seus códigos e seus referentes.

O outro deslocamento diz respeito ao diálogo com um universo de abertura das práticas contracartográficas, em seus aspectos políticos e criativos, em distintos campos do saber e do fazer. Desse contexto emergem distintas terminologias, indicando ênfases diversas: cartografia social e mapeamento participativo, mapeamento crítico, cartografia emocional, cartografia das controvérsias, cartografia social e política, cartografia do corpo, cartografia da experiência e da vida, cartografia do intangível, cartografia conceitual, mapa dissidente, cartografia alternativa, mapeamento bioregional, mapeamento coletivo, mapeamento comunitário, mapeamento participativo, mapeamento contra-hegemônico, etnocartografia, etnomapeamento, cartografia radical, mapeamento subversivo, re-mapeamento, mapping back, dentre outros (Acselrad, 2003; Halder et al, 2022; Holmes, 2006; Crampton & Krygier, 2006; Mesquita, 2019; Nold, 2009; Venturini, 2009).

Assim, mais que desconstruir mapas, o Atlas do Chão orienta-se pela sua decolonização, numa espécie de atualização do mapa da América Invertida desenhado pelo artista uruguai Joaquín Torres Garcia em 1943.

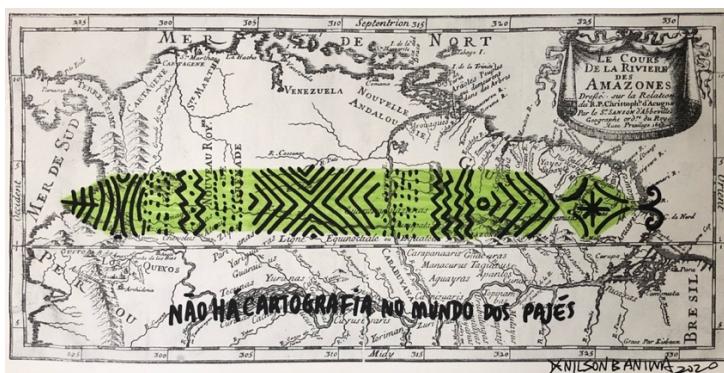


Figura 3. Não há cartografia no mundo dos Pajés, Denilson Baniwa, 2020. Fonte: Anjos, 2021.

2 Metodologia ou como montar um Atlas

Explorar processos contemporâneos, complexos e dinâmicos de urbanização, territorialização e desterritorialização implica também tensionar vários conceitos e paradigmas de longa vigência na arquitetura e no urbanismo, como cidade e paisagem. À revelia de imagens e definições estáveis, importa especular sobre meios e modos de mapear o que escapa aos métodos cartográficos convencionais por ser essencialmente móvel, estratificado, extensivo, multiescalar e não geolocalizável. Nesse sentido, atentar para o chão como um arquivo planetário vivo consiste numa estratégia para desconfinar ao mesmo tempo nossa imaginação cartográfica e histórica.

Concebido em 2021, o Atlas do Chão (atlasdochao.org / groundatlas.org) é um sítio digital, disponível online, pensado ao mesmo tempo como um conjunto aberto – ou seja, expansível e potencialmente infinito - de mapas, um arquivo e um sistema constelar de imagens. Seus elementos primordiais são o ponto e a constelação. Cada ponto aterrado no Atlas é composto por uma geolocalização, um texto que o inscreve criticamente no contexto das disputas históricas pelo chão, e um conjunto de referências iconográficas. Enquanto cada ponto está disponível como uma âncora para desenhar constelações com outros pontos, as constelações são relações entre pontos, configurações criadas por colaboradores do projeto e curadores selecionados pelos editores do projeto, com o objetivo de aproximar e ativar mutuamente pontos dispersos, dando a ver novos sentidos e nexos entre eles.

Seguindo o princípio warburguiano na chave interpretativa de Didi-Huberman (2018), buscamos dispor as imagens visuais que compõem a base do arquivo do Atlas (atuando de maneira complementar com textos, áudios e vídeos) numa série de mesas ou campos operatórios – i.e., campos de escritura e reescrita contínua de relações e narrativas, que permitem ao leitor/navegador tramar vários caminhos rizomáticos.

Por analogia com as mesas/pranchas warburguianas, as imagens visuais são desse modo mobilizadas - dentro dos limites das técnicas digitais disponíveis e acessíveis para nós – em campos heterogêneos, anacrônicos, não-lineares, descontínuos e abertos a infinitas operações, a se contrapor à ideia de quadro; e como tal, também a uma longa tradição de representação, de origem pictórica, que conta com limites e associa paisagem a uma imagem supostamente estável e totalizável.

Desenvolvido em plataforma Wordpress, o sítio digital contou com programação específica para a visualização dinâmica e movimento das imagens. A mesa de abertura é composta por frases que se vinculam às temáticas do projeto e imagens de pontos aterrados no Atlas, as quais possuem configuração randômica a cada visualização e podem ser escavadas por meio de rolagem do mouse. A mesa de pontos apresenta associações e aproximações de imagens relativas aos pontos aterrados no sítio digital, enquanto as mesas de constelações apresentam essas formações

acompanhadas por um texto curatorial e imagens dos pontos que delas fazem parte e que se sucedem na visualização também pela rolagem do mouse.

Já a mesa-mapa permite a visualização de todos os pontos aterrados no sítio digital segundo sua geolocalização, as camadas a que se vinculam e as constelações que conformam. Para o desenho dessa mesa foi realizada a apropriação crítica e customização de mapas da Google Inc. - escolhidos pela possibilidade que abrem para o deslocamento interescalares, desde o mapamundi, centrado de maneira intencional entre o continente africano e o americano, até a experiência localizada do Street View. Assim como em função do protagonismo que assumiram na esfera digital contemporânea, e terem se tornado fontes quase incontornáveis hoje em projetos de arquitetura e urbanismo, que muitas vezes são tomadas acriticamente como representação fidedigna da realidade.

O Atlas é composto ainda pela seção Matéria, com referências bibliográficas e filmográficas diversas, uma ferramenta de Busca, e pela seção Pegada, onde o público em geral pode montar sua constelação a partir do registro de dados básicos e de um pequeno texto, além da seleção dos pontos que deseja vincular.

Outras questões metodológicas enfrentadas se referem à possibilidade de co-produção de conhecimentos que assume a provisoriação, a simultaneidade e a emergência como qualidades; além da ação de curadoria de um arquivo ao mesmo tempo coeso e sempre aberto a novas inserções propostas por pesquisadores do projeto, convidados, participantes de oficinas e público em geral.



Figura 3. Atlas do Chão, mesa de abertura randômica, 2021. Fonte: www.atlasdochao.org.

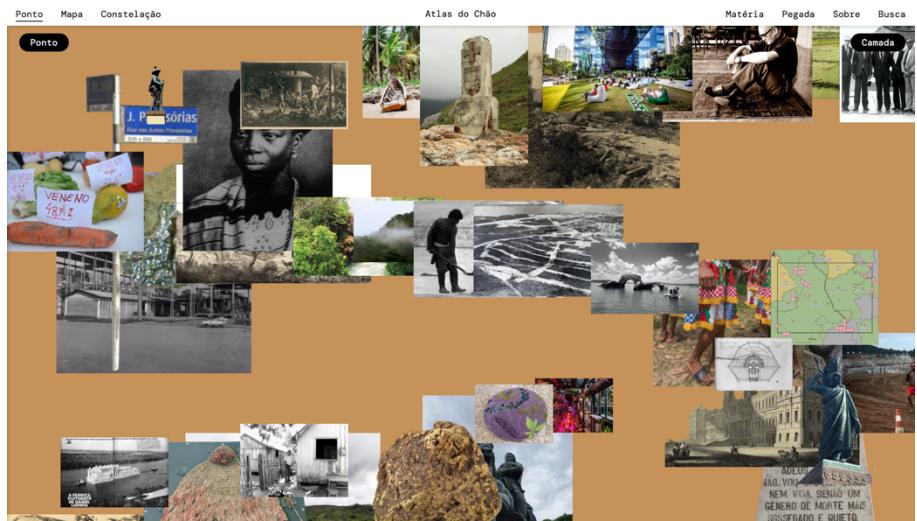


Figura 4. Atlas do Chão, mesa de pontos. Fonte: www.atlasdochao.org.



Figura 5. Atlas do Chão, mesa de constelações. Fonte: www.atlasdochao.org.



Figura 6. Atlas do Chão, mesa-mapa de pontos, camadas e constelações. Fonte: www.atlasdochao.org.



Figura 7. Atlas do Chão, mesa do Ponto Base de Alcântara. Fonte: www.atlasdochao.org.

3 Atlas, um *work in progress* por natureza

Assim como todo mapa é, por princípio incompleto, todo atlas é inconcluso por natureza. O Atlas do Chão não se esquia desse risco ao assumir a

ambição de mapear o chão do mundo, tramando novos percursos e histórias. Com isso, espera oferecer alguma contribuição para expandir o imaginário, e práticas reflexivas e investigativas a partir da aproximação com contracondutas historiográficas-cartográficas que se revelam particularmente cruciais para a arquitetura e o urbanismo em meio ao colapso social-ambiental-urbano-político que vivemos hoje.

Pensado como um projeto colaborativo em aberto, o Atlas do Chão conta com um grupo de pesquisadores vinculados à PUC-Rio e à USP, além de parceiros em instituições do Brasil e do exterior.

Até o momento foram aterrados mais de 220 pontos no Atlas. Tais pontos perfazem quatro constelações: Constelação Independente, Lugares de Memória da Escravidão, Por um Chão Comum e Planetary Health (em aterramento).

Dentre elas, a Constelação Independente, constituída por 200 pontos que evocam e problematizam os processos da Independência do Brasil e seus desdobramentos, do ponto de vista da sua relação (histórica e atual) com o corpo do chão, contou com a atuação de mais de 70 pesquisadores, entre arquitetos, artistas visuais, antropólogos, ativistas indígenas, cientistas sociais, curadores, escritores, filósofos, geógrafos, historiadores e linguistas.

Desde o ínicio do projeto foram realizados também dois workshops interinstitucionais no Brasil, um deles contando com professora e alunos de pós-graduação em geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e um workshop internacional, no Departamento de Geografia da Humboldt University em Berlim (HUB). Estão em curso a montagem da constelação Planetary Health em parceria com a HUB e estamos iniciando outra constelação no escopo do edital South Designs for Planetary Futures (Nkula-Wenz & Cupers, 2022), no qual o projeto foi contemplado.

4 Discussão – ainda o chão e a partir dele

O futuro da vida no planeta requer pensamentos, projetos e ações por linhas alternativas ao progresso teleológico de matriz eurocêntrica e que nos trouxe até aqui com conquistas e encruzilhadas inescapáveis. Está na ordem do dia rever criticamente os processos coloniais históricos que operam no presente segundo lógicas mais refinadas, assim como abrir espaço para outras epistemologias.

Por esse fio, acreditamos que imaginar outros futuros passa menos por dispositivos tecnológicos de controle, superação e emulação da natureza – que repropõem a dualidade cultura-natureza - e mais pela potencialização de substratos comuns entre humanos e não-humanos, dentre os quais está o chão.

É, por isso, que a partir de uma ciência e de uma política de aterramento vem se movendo o Atlas do Chão. No escopo dessa ciência e dessa política,

aterrar significa vincular-se a outras sensibilidades e entranhar-se na matéria do mundo. Mapear significa semear simultaneamente no chão e no imaginário outras formas de ver, pensar e agir. Conectar significa tecer outras relações a partir do existente escavando formas alternativas de habitar o planeta.

Agradecimentos. Os autores agradecem à FAPERJ e ao CNPq pelos auxílios concedidos, assim como à equipe de pesquisadores do projeto: Ana Carolina de Paula Bezerra, Alexandre Silveira, Caio Rechuem, Daniel Lavinas, Giovanni Bussaglia, Joana Martins, Julia Pereira, Mariane Cardoso de Santana, Michel Zalis, Victor Vaccari.

Referências

- Acselrad, H. (2003). Cartografia social, terra e território. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional.
- Anjos, M. dos (2021). Para Decolonizar a Brasiliana. Select, 05 fev 2021. Recuperado em 22 de dezembro de 2022, de <https://www.select.art.br/para-decolonizar-a-brasiliana/>.
- Benjamin, W. (2007). Passagens. Belo Horizonte: UFMG.
- Benjamin, W. (1985). A obra de arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica. In Obras Escolhidas, vol.1, São Paulo: Brasiliense, 165-196.
- Crampton, J. W. & Krygier, J. (2006). An Introduction to Critical Cartography, ACME: An International E-Journal for Critical Geographies, Vol. 4, N. 1. Recuperado em 16 de setembro de 2022, de <https://www.acme-journal.org/index.php/acme/article/view/723>.
- Didi-Huberman, G. (2018). Atlas ou o gaio saber inquieto. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Didi-Huberman, G. (2010). Atlas ¿Cómo llevar el mundo a cuestas?. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia e Tf Editores.
- Halder, S. et al (2022). This is not an Atlas. Bielefeld: Verlag, 2018. Recuperado em 16 de setembro de 2022, de <http://www.transcript-verlag.de/shopMedia/openaccess/pdf/oa9783839445198.pdf>.
- Harley, J. B. (2001). The New Nature of Maps: Essays in the History of Cartography. Londres: The Johns Hopkins University Press.
- Harley, J. B. (2005). Hacia una deconstrucción del mapa. In: La nueva naturaleza de los mapas. México: Fondo de Cultura Económica, 185-207.
- Holmes, B. (2006). Countercartographies. In Abrahams, Janet; Hall, Peter (Eds.). Else/Where: mapping new cartographies of networks territories. Minnesota, University of Minnesota Design Institute, 20-25.

- Latour, B. (2020). Onde aterrar? Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Latour, B. & Weibel, P. (2020). Critical Zones. The Science and Politics of Landing on Earth. Cambridge: MIT Press.
- Mesquita, A. L. (2019). Mapas Dissidentes: contracartografia, poder e resistência. São Paulo: Humanitas, FAPESP.
- Nkula-Wenz, L.; Cupers, K. (2022). South Designs for Planetary Futures. Recuperado em 03 de setembro de 2022, de <https://www.koozarch.com/interviews/south-designs-for-planetary-futures>.
- Nold, C. (ed.) (2009). Emotional Cartography - Technologies of the self. Soft Hook.
- Venturini, T. (2009). Diving in Magma: how to explore controversies with actor-network theory. Public Understanding of Science, v. 19, n. 3, p. 258-273. Recuperado em 16 de setembro de 2022, de <http://pus.sagepub.com/content/19/3/258>.
- Warburg, A. (2010). Atlas Mnemosyne. Madrid: Ediciones Akal.